

TRÊS PEQUENOS CONTOS

— RAFAEL SOUZA SANTOS

ELENA E O MARINHEIRO

Mattia coloca meio pacote de açúcar no café, dá duas mexidelas, e bebe-o num trago, como sempre faz. Conheces a Elena?, perguntou-me. Quem? A Elena, a que trabalha na pastelaria da esquina. Não, respondi, mas era mentira. Conheço-a muito bem. A Elena, a que Mattia se refere, é minha vizinha, e ocupa os meus pensamentos desde que se mudou para aquela casa. Não faz minimamente o meu tipo, mas lá que tem qualquer coisa... Que expressão idiota, "o meu tipo". Mas estás a ver quem é, certo? Sim, tenho uma ideia. Estou apaixonado por ela, disse Mattia. Também eu, pensei para mim, e de que maneira. Estás?, olha parabéns. Parabéns?, retorquiu Mattia. Sim, estar apaixonado é uma coisa boa. Foi a primeira coisa que me ocorreu dizer-lhe. Bem, mas há um problema. Não lhe perguntei qual era, ele dir-me-ia de qualquer forma. Entretanto dei um golo no café. Ela tem namorado. É sempre assim, respondi. Sabes quem é o gajo? Não faço ideia, mas era novamente mentira. É um tipo enorme, com umas sobancelhas muito negras e farfalhudas. Julgo que se chama Tommaso. Trabalha na frutaria, mas imagino-o sempre como um marinheiro. É grosseiro de corpo e de espírito, mas tem um hálito incrivelmente fresco. Eu também teria, se não fumasse tanto. E se não bebesse tanto café. Acho que eles namoram há pouco tempo, disse Mattia. Estás enganado, pensei para mim. Desde que está naquela casa, Elena recebe todas as quintas-feiras uma visita do seu marinheiro. Aquele desgraçado. A semana passada bem a ouvi gritar «bate-me cabrão, bate-me». O que achas que devo fazer?, perguntou-me. Sei lá, respondi secamente. Achas que devia contar-lhe? Contar-lhe o quê? O que havia de ser?, que gosto dela. A minha paciência estava no limite. Estás à espera que ela deixe o gajo por tua causa?, é isso? Não sei, disse Mattia baixinho. Porra, olha bem para ti. Se estás

com vontade de ser humilhado, porque não vais choramingar ao teu senhorio?, pode ser que ele te deixe lá ficar mais um mês e assim não tens de voltar para casa da tua mãe. Mattia olhou-me furioso. Depois suspirou e olhou tristemente pela janela. Não dá, aquele gajo é um pirata.

HENRIK E A PROSTITUTA

Então é aqui que vives? Não faças barulho, por favor. Belo sofá, vamos dar uns amassos? Silêncio. Que péssima ideia a minha, pensei, que péssima ideia. Queres ir para o quarto é?, não tens nada que se beba? Ideia de um bêbado, claro. Os meus pais a dormir no quarto e eu com uma prostituta em casa. Ouvi o meu pai a tossir e arrepiei-me todo. Se somos apanhados nem quero imaginar. Entretanto ela começa a fumar. Estás louca?, apaga isso. Ahahah, arranja lá uma cervejinha. E ela assim vestida não engana ninguém. Por favor, não faças barulho, vamos para o quarto, mas não faças barulho. Estás com medo de quê?, há pouco não estavas com meias medidas. Bem senti o teu entusiasmo, ahahah. Cala-te, e apaga o cigarro, já te disse. Foda-se, retorquiu ela, e atirou o cigarro para o chão, em cheio no tapete. Por pouco não desmaiei ali mesmo. Valha-me deus. O que estava eu a pensar quando a trouxe para aqui? O melhor é irmos embora, e já. Henrik?, és tu? É o meu pai, estou perdido. Henrik? Respondo ou não respondo? Só me passa pela cabeça o embaraço do confronto. Não há nenhuma explicação aceitável para isto. O melhor é desaparecermos. Chamas-te Henrik?, perguntou ela. Cala-te por favor e vamos embora. Vives com os teus pais?, ahahah. Agarro-a pelo pulso. Anda, vamos. Henrik? Sim é ele, respondeu ela às gargalhadas, é o seu Henrik. Ouço passos. Rápido, vamos embora. Abro a porta e lanço-a para a rua. Ela só se ri. Eu saio logo depois. Ao fechar vejo ainda o vulto do meu pai a chegar do corredor. Henrik, o que se passa?

KLAUS E A CENTOPEIA

Klaus, vê se te levantas. Ouço passos apressados e uma porta a bater. Que horas serão? Dormi demais. Tenho a cabeça tão pesada que temo não me conseguir levantar. No quarto reina uma obscuridade melada. Deixo-me ficar na cama mais uns minutos, esperando reunir energia e vontade, e adormeço. Não tenho a certeza do tempo que passou, talvez uma ou duas horas. Continuo com a cabeça pesada e dói-me o fundo das costas. A culpa é deste colchão miserável. Viro-me para o lado e encosto os joelhos ao peito. A dor suspende-se e volto a adormecer. Bem, agora é que é. Arrasto-me para fora da cama e

ponho-me de pé. Sinto as articulações a estalar. A dor nas costas volta, funda e num só ponto, como uma lança. Sobe-me à cabeça uma tontura que me obriga a sentar. Levantara-me muito depressa. Estico o braço e corro a persiana de uma só vez. Hoje não vai fazer muito calor, o que me dá algum alento. Levanto-me e vou à casa de banho. Esvazio a bexiga e lavo a cara, esperando que me alivie do peso na cabeça. Não alivia. Volto ao quarto. Agora iluminado parece-me indecente. Preciso limpá-lo, hoje ou amanhã, ou depois. Não tenho roupa lavada, por isso visto a camisa de ontem, que apanho do chão. Das calças é melhor não falar. Pego num cotonete, lambo a ponta, e enfio-o no ouvido. É um hábito repugnante, bem sei, mas o homem solitário presta-se às coisas mais indecorosas. Volto à casa de banho. Está imunda, talvez pior que o quarto. O pudor impede-me de fazer qualquer descrição. Olho-me ao espelho. A minha triste figura deprime-me, e penso que os espelhos são de facto abomináveis. Pouso o cotonete no lavatório, que desliza e cai junto aos meus pés descalços. Nesse momento, uma centopeia, que eu pensei ser uma mancha na cerâmica, atira-se ao cotonete para lambar a cera adocicada. Olho-a com abjeção, mas não me mexo. Tenho mesmo de limpar isto.

RAFAEL SOUSA SANTOS (Portugal, 1991) — Completou o mestrado em arquitetura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) em 2016. É investigador no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Universidade do Porto (CEAU-UP), no grupo Digital Fabrication Laboratory (DFL), e desde 2017 é estudante de doutoramento no Programa de Doutoramento em Arquitectura da FAUP, bolseiro da FCT, tendo como instituições de acolhimento estrangeiras o Politecnico di Milano e a Aarhus University. Entre 2017 e 2020 colaborou na didática das unidades curriculares de Economia Urbana e Urbanística 2 do Mestrado Integrado em Arquitectura da FAUP, e colabora actualmente na unidade curricular Architectural Design in Historical Context Studio do Master's in Architectural Design and History da AUIC-Politecnico di Milano. Em 2021 recebeu a Bolsa Fulbright para Investigação, para um período de mobilidade no Massachusetts Institute of Technology (MIT).